

---

---

*O médico e o monstro*, de Robert Louis Stevenson, tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2001, 127 pp.

---

A proposta da editora Martin Claret é oferecer aos leitores brasileiros as produções literárias mais significativas de autores reconhecidos, daí o nome da coleção “A obra-prima de cada autor”. O cri-

tério utilizado para a seleção de autores e dos trabalhos a serem editados é, de acordo com a editora, aquele “já estabelecido pela tradição e pela crítica.” (p. 10). O conto de Robert Louis Stevenson foi selecionado devido à sua “prosa rica e sutil [que] dá à história um profundo sentido de beleza literária e tensão.” (p. 11) O enfoque dessa resenha será concentrado, então, na apreciação destas características no texto traduzido.

O conto de Stevenson produzido e ambientado no século XIX pode suscitar, em uma primeira leitura, uma sensação de reprodução da alegoria do bem personificado na figura de Jekyll, como um cidadão respeitável e cumpridor dos seus deveres, contra o mal representado por Hyde, figura meio humana cuja aparência invariavelmente causa repulsa naqueles que cruzam seu caminho. No entanto, em uma leitura mais atenta, percebe-se quão inseparáveis, na verdade, as duas personagens são. Afinal, Hyde nada mais é que o próprio Jekyll, a exteriorização da sua porção má, conscientemente separada para atender aos desejos do médico. A pretensa virtuosidade de Jekyll não passa de imposição social em razão da sua reputação, o que ele próprio confessa (p. 71): “Na verdade, o maior de meus defeitos era uma disposição por demais jovial e impaciente, que tem feito o prazer de muitos, que, contudo, eu considerava inconciliável com o meu grande desejo de ser reconhecido como pessoa séria e respeitabilíssima.” Apesar de Jekyll tentar reparar os danos causados por Hyde e de sentir remorsos com suas atitudes, ele acaba sempre sucumbindo à tentação de sê-lo novamente, de experimen-

tar a liberdade irrestrita na pele de outro, resguardando seu nome.

Stevenson desafia conceitos estanques como bondade e maldade ao expor que, no caso de Jekyll, a bondade só existe em oposição à maldade cometida por ele na pele de Hyde. Assim, o autor foge dos estereótipos do bem e do mal e relativiza-os como construtos social e culturalmente definidos. Um conto que nunca envelhece dada a abordagem acerca da duplicidade da natureza humana e da sua suscetibilidade de cair em tentações.

A repulsa causada pela presença de Hyde é uma crítica ao moralismo vitoriano. Hyde representa a liberdade, a realização de todos os sonhos e fantasias que não podem ser vividas, apenas imaginadas. Jekyll, quando encarna Hyde, tem a oportunidade de gozar todos os prazeres sem censura. Daí a aparência de Hyde incomodar tanto as pessoas presas nos seus envoltórios e impedidas, portanto, de viverem seus desejos.

Esta edição de Martin Claret é acompanhada de um prefácio, uma introdução e, ao final, um histórico da vida do autor. Pietro Nassetti, o tradutor, é citado somente nos créditos, apesar de traduzir com frequência para a mesma editora e coleção. A falta de

referência ao tradutor e à tradução não é novidade. Entretanto, um breve relato do processo de tradução talvez fosse uma oportunidade de o tradutor expor sua estratégia e os aspectos mais problemáticos na tradução de clássicos como este.

De uma forma geral, o texto de Pietro Nassetti é agradável, com passagens felizes, como é o caso, por exemplo, do seguinte trecho à página 17:

Agir dessa maneira era fácil para Utterson, em razão de seu caráter extremamente sereno; e até as suas melhores amizades dir-se-iam também baseadas numa larga tolerância.

No doubt the feat was easy to Mr. Utterson; for he was undemonstrative at the best, and even his friendships seemed to be founded in a similar catholicity of good nature.

O uso de larga tolerância para *catholicity* evita ambigüidades desnecessárias uma vez que catolicidade ou o seu adjetivo católico são geralmente associados à igreja católica e não à diversidade na sua etimologia.

Resenhar uma tradução pressupõe discutir seus aspectos mais problemáticos. Assim, deter-me-ei em

três aspectos recorrentes na tradução de Nassetti que não passam despercebidos. O primeiro é a presença de decalques ao longo de todo o texto, como nos seguintes trechos:

Nessa noite, Utterson regressou ao seu apartamento de solteiro, bastante preocupado, e sentou-se para jantar, mas sem apetite. (p. 23)

That evening Mr. Utterson came home to his bachelor house in sombre spirits, and sat down to dinner without relish.

É o que me parece, pois, meu pobre Harry Jekyll, se eu jamais vi a marca do diabo estampada na face de um homem, ela está com certeza na do seu novo amigo! (p. 28)

The last, I think; for, O my poor Harry Jekyll, if ever I read Satan's signature upon a face, it is on that of your new friend!

Utterson não podia acreditar nos seus olhos. (p. 47)

Utterson could not trust his eyes.

O tradutor introduz palavras e expressões pouco verossímeis em

português cujas fontes são facilmente reconhecíveis para leitores do inglês.

O segundo aspecto que me chamou a atenção é a ausência de revisão, o que, por vezes, dificulta a leitura. Dentre as ocorrências desta natureza presentes no texto de Nassetti, destaco alguns exemplos que ilustram não apenas erros de interpretação, como também problemas relativos à concordância e, até mesmo, a flagrante ausência de uma leitura do texto final.

Mas acredite, não é um assunto particular e peço-lhe que não toque mais no assunto. Não é tão ruim assim. E para tranquilizar seu coração, vou dizer só uma coisa. Sempre que eu quiser, posso livrar-me do Sr. Hyde. Dou a minha palavra de honra. E mais uma vez, muito obrigado. Ainda uma palavrinha, Utterson, que estou certo que você respeitará: este é um assunto particular e peço-lhe que não toque mais no assunto. (p. 32) (grifos meus)

[...] but indeed it isn't what you fancy; it is not so bad as that; and just to put your good heart at rest, I will tell you one thing: the moment I

choose, I can be rid of Mr. Hyde. I give you my hand upon that; and thank you again and again; and I will just add one little word, Utterson, that I'm sure you'll take in good part: this is a private matter, and I beg of you to let it sleep.

Seja como for, devia ser um rosto que valeria a pena ver; o rosto de um homem desumano e cruel; e que, ao mostrar-se ao impressionável Enfield, produzira neste tão duradouro sentimento de aversão. (p. 26) (grifos meus)

*And at least it would be a face worth seeing: the face of a man who was without bowels of mercy: a face which had but to show itself to raise up, in the mind of the unimpressionable Enfield, a spirit of enduring hatred.* (grifos meus)

— Lugar adorável, não acha? (p. 21)

“A likely place, isn't it?”

— Sabe que nunca aprovei...  
— prosseguiu Utterson, voltando impiedosamente ao assunto.

— Com o meu testamento?

Ah, sim, sei perfeitamente [...] (p. 32)

“You know I never approved of it,” pursued Utterson, ruthlessly disregarding the fresh topic.

“My will? Yes, certainly, I know that,” [...]

O último aspecto problemático recorrente no texto de Nassetti que julgo necessário apontar é a pontuação, em especial o uso de vírgulas. O tradutor faz uso das vírgulas inadvertidamente, como no exemplo abaixo no qual o seu uso entre orações coordenadas sindéticas unidas pela conjunção **e** com um sujeito comum é indevido:

Porém, já fui longe demais na prestação de inexplicáveis favores, e agora prefiro ver em que isso acaba. (p. 68)

A narrativa de Stevenson caracteriza-se por uma escolha lexical cuidadosa que prima pelo estilo elegante e pelo suspense só desvendado ao final, quando da descrição dos fatos ocorridos pelo próprio Dr. Jekyll. Nassetti parece ignorar a tensão final antevista no penúltimo capítulo quando o leitor toma conhecimento de que Hyde e Jekyll são a mesma pessoa e traduz o título do capítulo em inglês

*Henry Jekyll's full statement* por “A confissão completa de Henry Jekyll.”

O texto de Nassetti, de uma maneira geral, não reproduz a sutileza nem o apuro do texto de Stevenson. Destaquei um trecho representativo à página 83:

Depois, permaneceu o resto do dia sentado no quarto particular, junto à lareira, roendo as unhas. Ali jantou, sozinho com seus temores, e o criado visivelmente constrangido à sua frente. Quando a noite já ia alta entrou em uma carruagem e fez-se conduzir a esmo através das ruas da cidade.

Thenceforward, he sat all day over the fire in the private room, gnawing his nails; there he dined, sitting alone with his fears, the waiter visibly quailing before his eye; and thence, when the night was fully come, he set forth in the corner of a closed cab, and was driven to and fro about the streets of the city.

O texto de Stevenson caracteriza-se por uma linguagem literária e elegante, como, por exemplo, o emprego dos advérbios *thenceforward* e *thence* e dos verbos *dine*, *quail* e *set forth*. O texto

proposto por Nassetti, além de introduzir quarto particular, pouco verossímil na língua portuguesa, é empobrecido pelas opções demasiado correntes do tradutor. É claro que não se espera que o tradutor seja um especialista em século XIX, tampouco que produza um texto que se pretenda daquela época. Contudo, as escolhas lexicais de Nassetti dão um tom de contemporaneidade que acaba por surpreender o leitor. Afinal, a narrativa se passa na Londres do século XIX, o que cria uma expectativa de distanciamento necessário que poderia ser atingido por arcaísmos incidentais ao longo do texto traduzido.

Os aspectos problemáticos aqui discutidos não impedem, de uma maneira geral, a legibilidade do texto de Nassetti; constituem tão somente observações, que, para alguns leitores, passarão despercebidas. O médico e o monstro já conta com várias traduções em língua portuguesa que, na verdade, se complementam. Cada tradução favorece aspectos e nuances diversas do texto fonte e do estilo do autor. Quanto maior o número de propostas de textos em português, maior será o conhecimento dos leitores sobre *The strange case of Dr. Jekyll and Mr. Hyde* e sobre Stevenson.

Luana Ferreira de Freitas  
UFSC